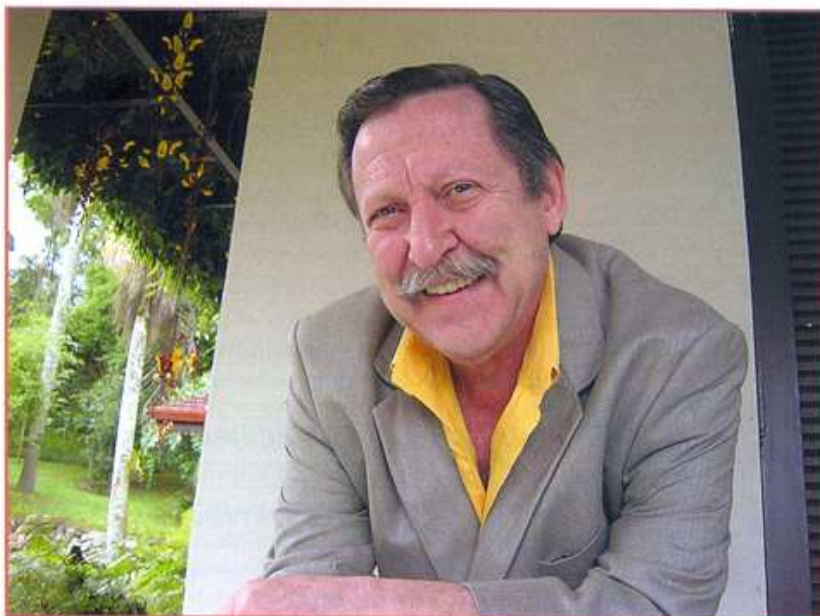


## “Sou o primeiro degrau do leitor”

O escritor **Pedro Bandeira** fala da escola que despreza quem mais precisa dela, da origem de seus livros e de como seus leitores fatalmente o abandonarão



**Pedro Bandeira.** Um dos autores mais lidos do País recebe mais de 300 e-mails e cartas por semana. E tenta responder a todos

**P**edro Bandeira já pensou em ser ator profissional, tendo atuado em Santos, onde nasceu, sob a batuta do teatrólogo Plínio Marcos. Depois, em São Paulo, tornou-se jornalista e enveredou pelas trilhas tortuosas da publicidade. Para completar a renda, aceitou uma oferta para escrever pequenas histórias infantis. Aos poucos, essas histórias foram atraindo seu talento, sua atenção, criaram leitores e mais leitores, até que, a partir de meados da década de 1980, o ex-ator e jornalista se tornou um dos autores infanto-juvenis mais lidos do País, com uma obra que ultrapassa os 70 títulos. Hoje vivendo em um sítio em São Roque (SP), Pedro Bandeira saboreia a delícia que é viver para escrever, mesmo sabendo que seus leitores, até os mais fanáticos, algum dia o

largarão. “Eu quero ser abandonado!”, afirma, peremptoriamente, exibindo orgulho por ser um iniciador na vida leitora de muita gente.

**CARTA FUNDAMENTAL:** *Como surge a ideia de um livro novo? Ele surge motivado por uma coisa externa, como uma notícia no jornal, ou por sua vontade de falar sobre determinado assunto?*

**PEDRO BANDEIRA:** Eu pretendo que minhas histórias tenham a ver com o sempre, com aquilo que o ser humano é. O meu leitor é alguém que está chegando agora no mundo, está de olhos abertos, de ouvidos abertos, ele tem sonhos, quer entender, quer compreender suas relações com o mundo, com seus pais, com a escola, com suas dificuldades e com suas fantasias. Mais tarde ele vai crescer e terá outros

sonhos e dúvidas: "Será que vou dar certo no futuro? Será que vou ser feliz? Como será que vou ser? Será que vou conseguir um amor?" Tudo isso tem pouco a ver com a notícia de jornal. Então, eu procuro encontrar a minha inspiração nas emoções humanas e no choque do indivíduo com o mundo, com o social.

**CF:** Então, o ponto de partida é o tema?

**PB:** Geralmente, sim. Por exemplo, meu livro *É Proibido Miar* é uma fábula sobre preconceitos. Uma coisa que sempre me incomoda é o preconceito. Porque, no primeiro choque com o mundo, você começa a aprender e começam a te ensinar os "certos" e os "errados", que, na verdade, estão sempre errados. O preconceito na escola é com a criança que é mais baixa ou mais gorda, o gago etc., ou de cultura e diferenças de religião, além do pre-

turado pela carrocinha e levado para o canil municipal. Então, eu quis fazer com que as crianças se questionassem: Por que não pode miar? Por que alguém não pode ser mais gordo ou mais baixo? E eu escrevi assim porque estava me dirigindo às crianças pequenas, e para elas o "fazer de conta" é mais fácil de ser entendido.

**CF:** A criança está mais aberta à fantasia?

**PB:** Sim. E isso descobri quando estudei psicologia do desenvolvimento. Quando falo para uma criança pequena: "Aí a mãe coelho falou para o coelhinho...", ela entende na hora, porque se coloca no lugar do filho da mamãe coelho. Mas, se você escrever isso para um menino de 10 anos, ele pensa: "O que é isso? Coelho não fala!" Ele não aceita tanto a fantasia, ainda mais se já for um adolescente. Daí vai aceitar um bruxo, por exemplo. Quando o

## "Procuro encontrar a minha inspiração nas emoções humanas e no choque do indivíduo com o mundo"

conceito de cor da pele, que é o mais estúpido que existe. Eu quis tratar esse tema, mas não de uma maneira realista; então, criei a fábula de um cãozinho que mora em um quintal e tem sua liberdade bastante limitada. E ele começa a admirar um gato que aparece no telhado da casa, já que o gato tem liberdade e conhece coisas. Esse gato começa a contar histórias sobre o mundo fantástico que existe lá fora. Daí o cachorro resolve imitar o gato e começa a miar. Nesse momento aparece o preconceito, porque cachorro não mia. Ele passa a ser perseguido até mesmo pelo seu pai, que diz: "Que coisa horrível, um filho meu miando! Deveria latir para espantar os cartereiros, em vez disso mia, que coisa horrível!" Os donos da casa também acham aquilo um absurdo e ele é cap-

menino atinge uns 14 anos, ele quer saber da turma, das namoradas. E foi por isso que escrevi *Os Karas*, meus personagens adolescentes.

**CF:** Harry Potter faz uso dessa mesma fórmula, de unir certo tipo de fantasia com o espírito de turma?

**PB:** Harry Potter faz um sucesso enorme porque sua autora, J.K. Rowling, usa a magia da fábula. Tem capa de invisibilidade, cães de três cabeças, unicórnios, a fantasia de *Harry Potter* é fabulosa! Veja também como Monteiro Lobato usou a fantasia: a história dele começa como *Alice no País das Maravilhas*. No começo do primeiro livro infantil de Lobato, *Reinações de Narizinho*, a menina adormece e entra em um mundo fantasioso. Lobato faz a Narizinho adormecer e,

### PEDRO BANDEIRA

Nascido em 1942, recebeu vários prêmios literários, como o Jabuti e o da Câmara Brasileira do Livro. Com mais de 70 livros publicados e vendas acima de 20 milhões de exemplares, suas obras mais conhecidas são *A Droga da Obediência*, *A Droga do Amor*, *A Marca de uma Lágrima*, *Pântano de Sangue*, *É Proibido Miar*, *Cavalcando o Arco-Íris* e *Agora Estou Só*. Vive atualmente em São Roque (SP).



**Lobato.** Escritor sabia que uma criança aceitaria sem reservas suas fantasias

de repente, aparece em seu nariz um peixinho conversando com um besouro. E criança nenhuma questiona como é possível a Narizinho ter casado com um peixe que antes estava em seu nariz. A criança simplesmente aceita essa fantasia. E Lobato faz isso de forma magistral, colocando na boca de uma boneca, a Emília, tudo aquilo que não se pode dizer por educação, cria um burro falante inteligente, um sabugo de milho que é um intelectual!

Se for para dizer que um personagem é mau-caráter, eu devo mostrá-lo fazendo coisas feias. Então, acho que tem muita influência do cinema no meu trabalho.

**CF:** E as adaptações, qual seu critério para fazê-las?

**PB:** Eu adaptei o *Patinho Feio*, *Chapeuzinho Vermelho* e o *Gato de Botas* ou, para jovens, *Otelo* e *Dom Casmurro*, porque quis. Mas existem obras que não precisam de adaptação, co-

“Ler é um verbo muito estranho, semelhante aos verbos

**CF:** E a linguagem para jovens, como é trabalhada nos seus livros?

**PB:** Eu não uso gírias, porque elas remetem a um tempo determinado. O livro que eu escrevi em 1985, por exemplo, estaria completamente vencido hoje em dia. E tem outra coisa, a gíria é regional. Então, uso a norma culta o tempo inteiro. E graças a isso os livros que escrevi há vinte anos continuam sendo lidos hoje. Por isso e pelo fato de que eu trato de sentimentos e não de fatos atuais.

**CF:** Quem são os autores que influenciaram a sua obra?

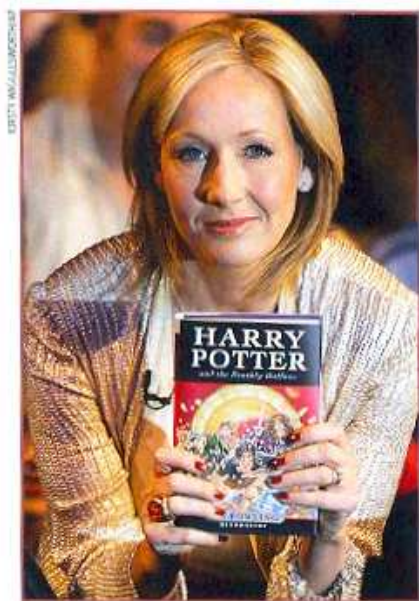
**PB:** Eu acho que sou mais filho dos roteiristas de cinema do que dos escritores e da literatura. Eu prefiro fazer cortes de cenas curtas, sem a opinião do narrador, em terceira pessoa. A câmera olha e mostra o John Wayne dando um soco no bandido e não julga isso. Você, olhando pela cara do bandido, pensa o que quiser. Então, de repente, corta e mostra a namorada do John Wayne fazendo outra coisa. Assim, eu prefiro dizer que ‘Marisa ficou na pontinha dos pés para beijar seu namorado’, em vez de dizer que João era alto e Marisa baixa. Porque desse modo fica mais literário.

mo *O Príncipe e o Mendigo*, de Mark Twain. O texto é perfeito e pode ser lido por uma criança de 10 anos hoje. Você precisa adaptar aquilo que um jovem não consegue entender como, por exemplo, *Hamlet*. A cultura humana vem se acumulando desde a época das cavernas e hoje é uma montanha maior do que o Everest. E essa montanha é tão grande que lá em cima existem obras de Dostoiévski, Cervantes e Machado de Assis. Só que, para se chegar nesses autores que estão no alto da montanha, é preciso subir uma escada enorme. E eu quero fazer com que essa escada seja interessante. Então, eu quero ser o primeiro degrau dessa escada. Eu não tenho vergonha nenhuma de ser a literatura de introdução de uma criança e de um jovem.

**CF:** Ou seja, o senhor gosta de saber que vai ser abandonado pelos seus leitores?

**PB:** Sim! Eu quero ser abandonado! Às vezes, tem criança que fala: “Ah Pedro, eu já li todos os livros seus, você precisa escrever mais”. Então eu digo: “Não, agora você tem de ir para a frente”.

**CF:** Como o senhor acha que a leitura deve ser tratada na escola?



J. K. Rowling. Harry Potter usa a magia e a identidade de turma dos adolescentes

**PB:** Todas as escolas brasileiras têm usado o método da exclusão. O professor só gosta de dar aula para o bom aluno e persegue o aluno que precisa dele. Nas minhas palestras para professores costumo usar a seguinte metáfora: o professor deveria trabalhar como um médico em um hospital. Ele não expulsa os pacientes que estão em pior condição de saúde, ao contrário, coloca-os em um centro de terapia intensiva. Nós, na escola, excluímos os pacientes. Então, entrou

**CF:** Seguindo nesta linha, para que serve uma prova de interpretação de texto?

**PB:** Para que serve essa prova? Aliás, para que serve a nota? Por que um médico manda um paciente em um laboratório para fazer exames? Para depois recebê-los e dar nota? O exame serve para o médico saber como o paciente está e depois medicá-lo. Com o aluno acontece a mesma coisa. Se eu dou uma certa matéria, a prova serve para eu saber quantas pessoas entenderam o que expliquei. Se metade da

## sonhar e amar. Os três não comportam o imperativo”

uma política nova que diz que se devia dar alta para todos os pacientes, sem tratá-los. A progressão continuada seria a mesma coisa que um médico dar alta para um paciente que está sangrando. O que vai acontecer com esse paciente? Ele vai morrer na rua. O papel da escola não é aprovar nem reprovar, é ensinar!

**CF:** Como a escola consegue formar um leitor?

**PB:** Em primeiro lugar, ler é um verbo muito estranho, semelhante aos verbos sonhar e amar. Sabe por quê? Porque os três não comportam o imperativo. Eu não posso te dizer “sonhe”, você sonha se quiser; assim como não posso falar “ame”. Se quiser que uma mulher me ame, eu devo seduzi-la. A mesma coisa acontece com a leitura. O professor não pode dizer: “Leia porque é obrigatório e é para a prova”. A proposta do professor deve seduzir, ler é gostoso, conhecer é gostoso. Senão, para que serve ler um livro, jogar uma partida de futebol, dar um beijo, ouvir uma música, ver um quadro, observar uma rosa, cheirar uma flor? Nada serve para nada, tudo é gostoso. Essa é a emoção do leitor.

classe não entendeu, o que adianta eu dar nota baixa? A prova é para mim, professor, e não para o aluno.

**CF:** E o trabalho de reescrita, como pode ser feito na escola?

**PB:** Sou contra a correção da redação. O professor manda fazer uma redação, aí pega o texto, vai assinalando erros gramaticais e desconsidera se a idéia está bem estruturada. O importante é que ele saiba contar uma história para você, com começo, meio e fim. Então, você tem de pegar o texto do seu aluno e ensiná-lo a escrever, não dar nota! Pega e diz: “Seu texto está confuso, eu não entendi”. Ou então: “Aqui está em discordância com o que você disse antes”. Devolve e manda reescrever. A primeira prova que o aluno entrega é um rascunho, é uma tentativa que pede sua ajuda. Agora, o que fazemos? Devolvemos sua tentativa com uma nota baixa e um monte de coisas circuladas em vermelho. O professor deve fazer com que o aluno escreva e leia todos os dias, mesmo que ele não tenha tempo de avaliar. Se não tiver esse tempo, não avalie. Não é sua avaliação que vai ensiná-lo a escrever. ●



### PEDRO BANDEIRA

- *A Droga da Obediência*
- *A Droga de Americana*
- *A Marca de uma Lágrima*
- *Agora Estou Só*
- *Cavalcando o Arco-Íris* (todos publicados pela Moderna)



**Mark Twain.** Autor não precisa de adaptação para ser lido por um garoto de hoje